

PESSOA E MURILO MENDES: CONTRAPASSANTES

Francis Paulina Lopes da Silva (UNEC)¹

“Viver é pertencer a outrem.”

Fernando Pessoa

RESUMO

Leitura da poética de Fernando Pessoa pela ótica muriliana, especificamente, no “Murilograma a Fernando Pessoa”. O diálogo com a poesia e vida do poeta português, percorrendo a trajetória do homem solitário na multidão, fragmentado em vários *eus*. O novo olhar de Pessoa, crítico e sensível, sobre a tradição portuguesa, espelhado nos versos de Murilo Mendes. O confronto Pessoa e Murilo, na “atração irreversível dos contrários”. O itinerário do Nada, construído pelo eu múltiplo fragmentado e intransitivo, ao transcendente, ao “vôo portátil” do poeta mineiro, em direção ao Tudo.

Palavras-chave: Lírica. Fernando Pessoa. Murilo Mendes. Pós-Modernidade.

ABSTRACT

Reading of the Fernando Pessoa’s poetic through the Murilo Mendes’ view, specifically, in the “Murilograma a Fernando Pessoa”. The dialog with the Portuguese poet’s poesy and live, going through the trajectory of the lonely man in the crowd, broken in several *selves*. The Pessoa’s new critical and sensitive view, about the Portuguese tradition, mirrored in the Murilo Mendes’ poetry. The Pessoa and Murilo confrontation, in the “contrary irreversible attraction”. The Nothingness itinerary, constructed by the multiple, broken and intransitive self, to the transcendent, to the “portable flight” of the poet from Minas Gerais, toward the Whole.

Keywords: Lyric. Fernando Pessoa. Murilo Mendes. Post-Modernity.

¹ Professora Titular e Coordenadora do Mestrado em Educação e Linguagem, do Centro Universitário de Caratinga (UNEC); Doutora em Teoria Literária (UFRJ); Mestre em Teoria Literária (UFJF). (francispls@terra.com.br). Autora do livro: *Murilo Mendes: Orfeu transubstanciado*.

Murilo Mendes, poeta mineiro, de Juiz de Fora, tornou a sua obra universal, por sua tendência ecumênica, intensamente crítica e autocrítica, aberta à cultura e à arte que ultrapassa tempo e espaço.

Em poemas de **Tempo Espanhol**, por exemplo, assim como na série de “Grafitos” e “Murilogramas”, de **Convergência**, dentre tantas outras obras suas, tem-se o Murilo leitor crítico, contemplativo, a reverenciar escritores e artistas representativos da cultura clássica, cujas obras lhe eram bastante familiares, graças às constantes pesquisas e ao apurado gosto estético do poeta.

A singularidade desses poemas de Murilo é a sua admirável capacidade de captar dos autores, com aguçada sensibilidade, a essência da vida e da arte de cada um. Murilo apreende-lhes o estilo, a temática, o pensamento, as paixões, e sua pena crítica no-los transmite em versos breves, substantivos, em cuja cadência e ritmo envolventes consegue neles se metamorfosear, recriando a escritura alheia, segundo sua maneira de “ler” a arte. Trata-se de uma poesia autêntica, pois o autor se deixa contaminar pelos textos de outrem, sem, contudo, perder a originalidade da própria escrita. Ao contrário, esta vem impregnada de criatividade, a ponto de merecer, em carta de Drummond a seguinte observação:

A verdade é que as criações (não chamo de experiências, porque V. não experimenta; cria) da *Convergência* são qualquer coisa de fascinante. Lembram-me relâmpagos, aços afiadíssimos retalhando o cerne das coisas e desvendando essências, conexões insuspeitadas, mundos subjacentes. Em suma, poesia atrevidamente nova, pessoal, intransferível. Tem a marca de você, de mais ninguém (Trecho de carta de Carlos Drummond de Andrade a Murilo Mendes, citada em MENDES, 1994, p. 1684²).

Drummond, também poeta crítico de extrema sensibilidade, resumiu com exatidão a nova marca muriliana que aqui se pretende evidenciar em um de seus poemas metalinguísticos, intitulado “Murilogramas”. Realmente, essa “poesia atrevidamente nova, pessoal, intransferível” surge, enquanto capaz de captar o “cerne das coisas”, enquanto esconde nas entrelinhas, sutilmente, a marca de outrem, sem apagar a própria marca, enquanto viaja na escritura alheia, fazendo, da sua própria uma caixa de ressonâncias, um registro de sua própria vivência cultural.

O próprio poeta, em “Microdefinição do autor”, justificaria a sua vasta

² As demais referências a essa obra citada – *Poesia completa e prosa* – serão registradas, após as citações, entre parênteses, a abreviatura *PCP.*, seguida da página: (*PCP*, p. ...).

formação religiosa, artística e mais especificamente, literária e crítica, graças ao seu “apoio ao ecumenismo, e não somente o religioso”, e se definiria a si mesmo como um “bêbado de religião, artes, música, mitos” (PCP, p. 45-6), partícipe das múltiplas tendências de seu tempo:

Pertenço à categoria não muito numerosa dos que se interessam igualmente pelo finito e pelo infinito. Atraem-me a variedade das coisas, a migração das idéias, o giro das imagens, a pluralidade de sentido de qualquer fato, a diversidade dos caracteres e temperamentos, as dissonância da história (PCP, p. 46).

Essa multiplicidade se reflete nos poemas, expressivos de sua visão crítica. Em versos, Murilo homenageia obras e autores significativos em seu universo cultural, principalmente na música, nas artes plásticas e na poesia.

Nos versos de “Mapa” publicado no primeiro livro, **Poemas**, ao avaliar a própria poética, ele já confessava uma tendência ao verso “sempre em transformação” (PCP, p. 117). E em seu último livro, **Convergência**, essa “convergência” do poetar crítico se fará exaustivamente, como se observa na série de “grafitos” e “murilogramas”. Ao decodificar a arte de outrem, Murilo Mendes deixa transparecer a sua própria reflexão sobre a íntima convivência com a palavra poética.

Nos “Murilogramas”, ele homenageia vários autores como Bashô, Leopardi, Mallarmé, Baudelaire, Camões, Antero de Quental, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Gabriela Mistral... Desses poemas-metamorfose, aqui se fará um breve percurso pelos versos do “Murilograma a Fernando Pessoa”, nos quais se evidencia a leitura muriliana atenta à trajetória existencial e à escritura desse grande poeta português, inventor de uma poesia universal e plural, que impressionara Murilo, por sua beleza expressiva, revelando originalidade e profunda pesquisa do seu drama interior.

O poema se faz leitura crítica, em *flashes*, da poética do Pessoa “Guarda Livros do Nada”, com quem, ainda no livro de prosa sobre Portugal escrito em 1970, intitulado **Janelas verdes**, Murilo descrevera poeticamente um encontro imaginário, do qual aqui será citado apenas um fragmento:

Distingo Fernando Pessoa nas arcadas do Terreiro do Paço, aí pelas

onze horas da noite. Assemelha-se a qualquer das suas fotografias de homem maduro. Traz um terno cinzento, gravata da mesma cor (a gravata é a única alusão que um poeta pode se conceder à força); os óculos fora da linha, cabelos sobrando dum chapéu de feltro, prestes a largar, distante dos próprios passos, o ar chateado; certo fantasticando [...] (PCP, p. 1443).

Essa descrição, inspirada na própria escritura pessoana, como nos versos de Álvaro de Campos, em “Opiário”, que Murilo denomina “auto-radiografia” (Ibid., p. 1443), completa-se com os versos do murilograma ao poeta, no qual se recolhem as múltiplas facetas do poeta português, o eterno *flâneur*, o fingidor, filósofo, sonhador, místico e cético..., como se lê nestas primeiras estrofes:

Regressando sempre do não-chegar,
O gume irônico da palavra
Pronto a estimular-te o sólito ócio
De guarda-livros do Nada.
Não dás o braço a. Dás-te o braço.

Guardas o cansaço de quem palmilhou
Quilômetros de palavras camufladas
Em Ode adversativa: a ti adere
Sob o látigo dum céu que não consentes
Donde se debruçam Parcas eruditas:
E ainda a contrapelo atinge o cosmo (PCP, p. 681).

Esse *flâneur*, “poeta sonambólico” (PESSOA, 1990b, p. 303), segundo Álvaro de Campos, percorre mundos, inquirindo o seu próprio eu profundo e outros eus. Por isso, ele reconheceria, em “Opiário”: “Não posso estar em parte alguma. A minha/ Pátria é onde não estou” (Ibid., p. 303). Assim, Murilo também o vê “Regressando sempre do não-chegar”, e palmilhando sempre “Quilômetros de palavras camufladas/ Em Ode adversativa”, numa poesia hermética, que faz do jogo estético uma fascinante pesquisa poética, psicológica e filosófica, revelada pelo “gume irônico da palavra”.

Murilo se deixa fascinar pelo poeta plural, mas solitário, em sua crise de identidade, que Pessoa registrara esta confissão, em um de seus manuscritos: “Não sei quem sou, que alma tenho” (1990a, p. 81). E pelo heterônimo Álvaro de Campos, também o desabafara, em “Opiário: “Não tenho personalidade alguma” (1990b, p. 303). E por isso, o poeta lusitano escolhera se desmembrar,

fingir e camuflar-se nos heterônimos e nos versos, buscando transubstanciar em arte o drama do “homem no duro”, tornando, enfim, poesia o cerne da vida, do mundo.

Eis como o discurso muriliano resume a consciência plural de Fernando Pessoa:

Exerces o fâscino
De quem autocobaia se desmembra
a fim de conhecer o homem no duro
Da matéria escorchada.
Ninguém alisa teu corpo e teu cabelo (PCP, p. 682).

Nos versos seguintes, Murilo lembra o Pessoa nacionalista, o “Emissário de um rei desconhecido”, que confessara: “Inconsciente me divido/ Entre mim e a missão que o meu ser tem,/ e a glória do meu Rei dá-me o desdém/ Por este humano povo entre quem lido [...]” (PESSOA, 1990b, p. 128). O Murilo mineiro e universal recolhe, do sonho sebastianista pessoano de ver a Pátria restaurada, a constatação dramática de um país sem-povo, desnavegando no Portugal encoberto de seu tempo, sem rei, sem lei, sem paz, sem guerra. Onde “Tudo é incerto e derradeiro./ Tudo é disperso, nada é inteiro”, Pessoa ainda vive a utopia, mesmo reconhecendo: “Ó Portugal, hoje és nevoeiro [...]” e anuncia que “É a Hora!” (p. 89) de despertar.

Os versos murilianos lêem o sonho sebastianista, tão obsessivo no autor de **Mensagem**, como uma saída mítica para o quadro desolador de um Portugal sem leme, cujo povo deve esperar pelo “eterno contingente”, voltando o olhar para a invisível força que fez a História de bravura e de conquistas:

Sebastianista duma outrora gesta, dramaturgo
Retalhas o não-acontecido que te oprime
E determina o eterno contingente
Na área do sem-povo, já que o povo
Ao Fatum reduzido, desnavega (PCP, p. 682).

Também o Murilo expatriado, obcecado pelo sonho fraternitário, de liberdade para todos os povos, muitas vezes, em versos cantou seus ideais e a desilusão ante os homens e o mundo em caos. Mas embora reconhecendo um “Portugal a entristecer / Brilho sem luz e sem arder” (PESSOA, 1990b, p. 89),

Pessoa vira no mito o “nada que é tudo” (PESSOA, 1990b, p. 72) e ensina que o homem atinge a plenitude, não pelo que conquista, mas pela maneira com que aspira e busca realizar seu sonho: “Valeu a pena?/ Tudo vale a pena/ Se a alma não é pequena” (PESSOA, 1990b, p. 82).

Ainda solidário ao poeta, drama em gente, “Já isento em vida do serviço de viver. Anúmero”, Murilo Mendes funde aos seus versos a riqueza do arquivo poético de Fernando Pessoa. Recolhe em frases relâmpago, como “aços afiadíssimos retalhando o cerne das coisas e desvendando essências, conexões insuspeitadas, mundos subjacentes” (PCP, p. 1684), como tão bem lhe definira em carta o amigo Drummond. E esse metamorfosear-se na palavra pessoana para adentrar-se em sua poética e em seu mistério já é um confrontar-se com o outro, o mestre, tão diverso dele:

Por sono sustentado e aspirina,
Sofista manténs a música que não tens
Entre dez dedos dividida. Morse transmitindo o não do sim,
Já isento em vida do serviço de viver. Anúmero.

•

Quanto a mim, adverso ao Nada, teu ímã,
Eis-me andando nas ruas do gerúndio.
Ensaio o movimento, vôo portátil.
Devolvo-te grato o que não me deste,
Admiro-te por não dever te admirar,
Na linha da atração reversível dos contrários
Contrapassantes.
Roma 1964 (PCP, p. 682)

Nesse diálogo intertextual, em linguagem enxuta e depurada, como que numa técnica da montagem, Murilo se confessa fascinado pela genialidade do bardo português, e enriquecido pela grandeza de sua poética, ao confessar: “Devolvo-te grato o que não me deste, / Admiro-te por não dever te admirar”, reconhece-se outro, diferente, contrário.

Na verdade, tanto em Pessoa, quanto em Murilo, é constante a experiência da pluralidade. Entretanto, “Na linha da atração reversível dos contrários/ Contrapassantes”, essa ânsia de ser múltiplo se realiza poética e existencialmente de maneira adversa.

Em Fernando Pessoa, há uma evidente fragmentação do ser, do homem e

do poeta, sempre atraído pela sensação do Nada, da perda, do vazio, do tédio. Assim, o poeta confessa: “Não sou nesta vida nem eu nem ninguém,/ Vou sem ser nem prazo...”, ou “[...] sou o deportado e a ilha” (1990b, p. 512). Ou ainda, revela-se o outro, fragmentado, em sua intransitividade: “Meu coração é uma ânfora que cai e que se parte...” (1990a, p. 109).

Tal fragmentação do eu poético representa a condição do homem da pós-modernidade, que Stuart Hall assim analisa: “Encontramos, aqui, a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal” (2005, p. 32).

Embora nunca alienado, em seu estado constante de *drama em gente*, porque participante da vida sociocultural de seu tempo, o poeta português incorpora todas essas tendências, que ele mesmo como que reparte em seus heterônimos. O homem das multidões se multiplica em um jogo de espelhos partidos, resultando numa poética múltipla e complexa.

Esse é um processo de criação poética, envolvendo uma pluralidade de linguagens que, segundo José Clécio Quesado, envolve o primado do pensamento aliado à profunda sensibilidade do poeta: “Subjetivação e objetivação são, pois [...], os dois processos básicos na construção da linguagem poética em Fernando Pessoa . Tais processo operam o relacionamento entre o espaço externo (do objeto) e o interno (do sujeito)” (1976, p. 30).

Daí resulta a experiência da pluralidade em Pessoa que se fundamenta em sua crise de identidade: “Não sei quem sou, que alma tenho” (1990a, p. 81). Por isso, ele desabafara em um de seus manuscritos:

Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas. [...] Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada [?], por uma soma de não-eus sintetizados num eu postigo (PESSOA, 1990a, p. 81).

Já em Murilo Mendes, a consciência do ser múltiplo, também tão presente em seus versos, traduz a ânsia do poeta por partilhar de todas as vidas, de penetrar fundo nas consciências, de percorrer todas e extrair-lhes, pela poesia, a essência máxima. Assim, já em seu primeiro livro, **Poemas** (1930), “Mapa”, traz um esboço de sua trajetória poética, inaugurando no mundo a “Bagunça transcendente”, reconhecendo sua vocação poética ecumênica. Vejamos os

versos finais desse poema:

estou no ar,
na alma dos criminosos, dos amantes desesperados,
no meu quarto modesto da Praia de Botafogo,
no pensamento dos homens que movem o mundo,
nem triste nem alegre, chama com dois olhos andando,
sempre em transformação (PCP, p. 117).

No texto em prosa de **O sinal de Deus**, Murilo ainda se confessa “Universal”, já que comunga com o sentido bíblico-cristão do amor *caritas* e sonha a fraternidade universal:

Minha alma já recebeu o sinal glorioso – por isso mesmo ela se dilata e quer rebentar seus limites. O poeta não se conforma em ser um indivíduo definido, com situação marcada numa classe, numa época, num temperamento. Eu quisera ter nascido desde o princípio dos tempos – e ser a soma de todos os corpos e de todas as almas. Eu quisera ser ao mesmo tempo operário e rei, criança, patriarca, profeta e missionário, assumir todos os aspectos da vida, desde a extrema humildade até a majestade máxima – e transformar o ódio em amor, o mal em bem – confundindo-me com a sombra do Ente absoluto (PCP, p. 765).

Já no drama existencial da vida-poesia de Fernando Pessoa pesa a sensação de incoerência, hesitação e mudança:

A constituição do meu espírito é de hesitação e de dúvida. Nada é ou pode ser positivo para mim; todas as coisas oscilam em torno de mim, e, com elas, uma incerteza pra comigo mesmo. Tudo para mim é incoerência e mudança. Tudo é mistério e tudo está cheio de significado. Todas as coisas são “desconhecidas”, simbólicas do Desconhecido. Em consequência, o horror, o mistério, o medo por demais inteligente (1990a, p. 38).

Fernando J. B. Martinho refere-se ao sentido do “nada” no pensamento pessoano:

Mas o que dá unidade ao retrato do poeta-destinatário e o que integra a multiplicidade de rostos homóloga da multiplicidade de textos cerzidos no enunciado do poeta-emissor na globalidade da aventura existencial e poética de Pessoa, é o sentido de *busca*, de *procura*, de uma *demand*a votada ao fracasso, ao “nada”, expressa primeiro no presente, depois no passado, em fidelidade à dialética presença / ausência, fundamento maior da *quête* pessoana (1983, p. 110).

Ao confessar-se adverso ao “Nada”, ímã existencial de Fernando Pessoa, em sua visão religiosa-cristã, o eu poético muriliano sempre aponta em direção ao Tudo, ao transcendente, e, embora acolha o drama ontológico com a mesma sensibilidade e intensidade, o poeta mineiro ensaia seu “vão portátil”...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo “Murilograma”, neologismo aproveitando o radical grego *-grámma*, *sugere* a marca da escrita muriliana, sua inscrição, tratado a respeito de cada um dos artistas que poetiza. E também, evocando a unidade de peso, pode-se considerar o “-grama”, com que o poeta mineiro pesa, avalia a vida e a obra de outrem. Assim, ele canta a poética insólita e mágica do grande poeta português que, como Murilo, soube olhar criticamente o mundo, a sociedade, o ser humano, ao ler o próprio drama de existir.

Murilo relê à sua maneira a poética pessoana. Confessa a profunda simpatia e admiração pelo poeta português, e o reconhecimento de sua obra singular. Ambos, leitores vorazes do novo e da tradição e grandes pesquisadores da cultura, a ponto de ultrapassarem as fronteiras de seu país e construírem uma poesia autônoma e genial, nos versos do “Murilograma a Fernando Pessoa”, fundem-se, pela arte, ao se confrontarem harmonicamente, embora “contrapassantes”.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Org. Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

PESSOA, Fernando. **Obra em prosa**. Org. Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990a.

_____. **Obra poética**. Org. Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990b.

QUESADO, José Clécio Basílio. **O constelado Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

SILVA, Francis P. Lopes da. **Murilo Mendes: Orfeu transubstanciado**. Viçosa: Editora UFV, 2000.